



Investigação sobre o mercado das explicações: estratégias privadas para uma vantagem competitiva no enfrentamento dos exames de acesso ao ensino superior

Investigación sobre el mercado de las explicaciones: estrategias privadas para una ventaja competitiva en el enfrentamiento a los exámenes de acceso a la enseñanza superior

Research about explications Market: private strategies to get a competitive advantage facing the higher education access exams.

Nádia Studzinski Estima de Castro¹

Resumo

Neste trabalho pretende-se apresentar uma reflexão sobre o mercado das explicações (ou aulas particulares) e como o fenômeno está presente em um recorte espaço-temporal específico: município de Porto Alegre, pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2013. Sendo que o público escolhido para participar da pesquisa pertence às duas dependências administrativas escolares: municipal e estadual. Bem como sujeitos-participantes da rede privada de ensino. Sendo, assim, possível construir um panorama do mercado das aulas particulares nos três diferentes contextos. O objetivo central da proposta é apresentar a configuração das aulas particulares, refletindo, conjuntamente, sobre a prática como estratégia competitiva para o sucesso no enfrentamento dos exames de admissão (vestibulares e ENEM), no contexto pontual da cidade de Porto Alegre. Exames de admissão entendidos como fase obrigatória para o ingresso no Ensino Superior.

Palavras-chave/ mercado das explicações - estratégias privadas - sucesso nos exames

Resumen

Este trabajo pretende presentar una reflexión sobre el mercado de las “explicaciones” (o clases particulares) y sobre cómo el fenómeno está presente en un recorte espacio temporal específico: el Municipio de Porto Alegre, perteneciente al Estado de Rio Grande do Sul, en el año 2013. El público seleccionado para participar de la investigación pertenece a dos dependencias administrativas escolares: municipal y estadual (provincial); así como también de la red de enseñanza privada. De este modo, es posible construir un panorama del mercado de clases particulares en tres contextos diferentes. El objetivo central de la propuesta es presentar la configuración de las clases particulares, reflejando su práctica como estrategia competitiva para afrontar con éxito los exámenes de admisión (vestibulares y ENEM), en el contexto específico de la ciudad de Porto Alegre. Exámenes de admisión entendidos como fase obligatoria para el ingreso a la enseñanza superior.

Palabras Clave / mercado de clases particulares - estrategias privadas - éxito en los exámenes - acceso a la Educación Superior

Abstract

The paper aims to present a reflection on the explications' market (or private classes) and how the phenomenon is present in a specific time-space focus: Porto Alegre City at Rio Grande do Sul State in 2013. People chosen to participate in research came from two school administrative departments: municipal and provincial; and also from private education. Thus is possible to build a perspective of private classes' market in three different contexts. The main goal of the article is to present the configuration of private classrooms, reflecting this practice as competitive strategy to successfully face admission exams, in the specific context of Porto Alegre City. Admission exams as compulsory step to access to higher education.

Key Words / Private classes - private strategies - success in exams - access to Higher Education

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS/ nadia.castro@acad.pucrs.br

Considerações iniciais

o mercado das explicações ou aulas particulares (dependendo do contexto de referência a terminologia é variável, por exemplo: tutoria privada é a nomenclatura utilizada na língua inglesa) é uma atividade paralela ao ensino formal e hoje se constitui como uma grande rede em expansão. Representa, sem dúvida e de maneira evidente, o processo de mercantilização dos processos educativos. A atividade está presente mundialmente e cresce de maneira acelerada. O que antes era visto como uma prática escolhida e praticada por determinados sujeitos, hoje alcança dimensões econômicas, sociais e financeiras expressivas. Sendo possível encontrar empresas especializadas atuando em diferentes países. No entanto a prática da educação paralela (ou educação na sombra) ainda permanece muito pouco investigada. Existe um certo silenciamento na investigação pertinente ao tema.

Neste sentido, propomos nesta reflexão uma breve exposição sobre o fenômeno das aulas particulares (também denominado de educação na sombra) para, em um primeiro momento, esclarecer para os interessados no assunto o que é “educação na sombra”. Em um segundo momento, pretende-se, a partir de um recorte espaço-temporal, expor dados quantitativos encontrados ao longo da pesquisa já feita e que servem para caracterizar o fenômeno no contexto nacional. Por fim, objetiva-se refletir, como base nos dados empíricos, sobre o panorama das aulas particulares; entendida como estratégia privada encontrada pelos alunos para a possibilidade de sucesso no enfrentamento dos exames de admissão pra o ingresso no Ensino Superior. Consideramos a leitura desta reflexão pertinente para professores, alunos, responsáveis/ cuidadores dos alunos, gestores da educação, formuladores de políticas e para todos aqueles que tenham interesse em compreender um pouco mais sobre o complexo tema da educação.

Relevância da temática

permitir um começo de compreensão sobre o sistema educacional na sombra é de extrema importância para o entendimento global de um sistema de ensino. As razões para o estudo da temática são várias, mas pontuamos aqui as principais; aquelas que nos motivaram a investigar em profundidade o tema e, em consequência escrever para que outros sujeitos interessados pudessem se apropriar da temática. A primeira justificativa é pela própria falta de investigação (há um silêncio no debate sobre o tema); poucos trabalhos, em nível nacional, se dedicaram a conhecer como o sistema de educação na sombra está presente no contexto do Brasil. Ainda, quando encontramos trabalhos que estejam dedicados ao tema, eles estão direcionados mais para a investigação dos cursinhos pré-vestibulares. O que estamos propondo neste espaço é a apresentação de um panorama mais direcionado para as respostas diretas dos alunos-participantes. Eles mostram como o panorama das aulas particulares está delineado no contexto de Porto Alegre. Uma segunda explicação para a realização da investigação é a questão dos investimentos de capital financeiro na atividade. A prática movimenta, sem retorno para os governos, um montante monetário significativo. Por último salientamos a importância de investigar as aulas particulares como estratégia privada encontrada pelos alunos para a superação (para o sucesso) dos exames de ingresso no Ensino Superior. Seja eles alunos da rede privada ou pública, pois a frequência em aulas de explicação (aulas particulares, aulas de preparação para exames...) foi constatada tanto no âmbito da escola pública, quanto da escola privada.

Alguns anseios, emergentes de leituras específicas, também se configuram como fator motivacional para a importância de análise da temática. Mark Bray, autor que traz para o debate e nomeia o fenômeno como “educação na sombra” tem inúmeros textos publicados que explicam a dimensão da prática. Suscitando o interesse para o desenvolvimento de novas pesquisas (Bray, 1999a, 1999b, 2003a, 2005 e 2009; Bray e KWO, 2003 e 2014). No contexto de Portugal, o projeto “Xplica²”, criado e desenvolvido pelos professores Jorge Adelino Costa, António Neto-Mendes, Alexandre Ventura e Sara Azevedo nos contemplam com diversas reflexões que retratam com precisão o contexto português; com suas especificidades, com sua nomenclatura e com a sua ocorrência junto aos alunos. Com inúmeras produções escritas sobre o contexto português (Costa, 2003, 2007 e 2008; Costa, Ventura, Neto-Mendes e Azevedo, 2008; Costa, Ventura e Neto-Mendes, 2007, 2008) é possível conhecer o sistema da educação na sombra em Portugal e, assim, estabelecer estudos comparativos entre a realidade portuguesa e a brasileira.

No Brasil, especificamente, é possível ler Bacchetto (2003), Santos (2004) e Mariucci (2013). Autores que dedicaram os seus estudos ao início da compreensão do fenômeno das aulas particulares, mas que ainda mantiveram, principalmente os dois primeiros, o foco nos chamados cursinhos pré-vestibular. Espaços específicos de preparação para o enfrentamento dos exames de admissão das Universidades; atividade que se caracteriza exatamente no contexto da educação da sombra, mas que representa apenas uma parte da atividade descrita por Mark Bray, como educação na sombra. Mas já é uma alternativa privada para superar um obstáculo do público: no caso do exame vestibular das instituições federais.

Além das leituras, podemos afirmar que a construção do objeto de pesquisa emerge de uma problemática de pesquisa; constitu-

² Sobre o projeto Xplica visitar o site: <http://www.ua.pt/de/xplicka/PageText.aspx?id=16604> acesso em 15 de setembro de 2014.

ida esta última de alguns questionamentos norteadores: aulas particulares, qual a origem da prática no Brasil? Elas acontecem da mesma forma em diferentes espaços da realidade educacional do país? Existe uma democracia no acesso? Quais são as disciplinas atendidas? Todas? E os porquês? Quem tem acesso? Todos? Alguns? Quanto as famílias investem na tutoria? Existe regulamentação para esta atividade? O que o ensino “paralelo” tem para dizer do “formal”? Qual a relação da frequência em aulas particulares e o acesso ao Ensino Superior?

Não pretendemos responder a todas as perguntas propostas, apenas listamos aquelas que nortearam a investigação em sua etapa inicial. Em trabalhos futuros outras delas podem ser investigadas.

Em seguida, partimos para o estudo mais direto do fenômeno proposto para esta análise: a educação na sombra. No espaço seguinte objetivamos explicar a origem e, também, no que se constitui a prática nomeada de educação na sombra.

“Educação na sombra”

O tema “educação na sombra” é apresentado por Mark Bray em 1999 no evento IIEP - *UNESCO's International Institute for Educational Planning*, onde acontece o debate sobre o tema e a posterior publicação do livro *“The Shadow Education System: Private Tutoring and its Implications for Planners”*. O autor explica que o termo “sombra” é usado porque este sistema só passa a existir à sombra do sistema formal, conseqüentemente, sofre modificações conforme o sistema formal se modifica. O autor aponta a importância dos estudos sobre este tema, exatamente porque a sombra de um sistema educativo pode mostrar para o observador muitas mudanças que estão ocorrendo nas sociedades. O autor salienta que as explicações³ podem criar e perpetuar desigualdades sociais, por isso este é um tema que precisa ser discutido. Para o autor é necessário que se faça um confronto do sistema na sombra para que se descubra pontos positivos e negativos deste sistema paralelo. Em consequência, é preciso que o sistema de políticas educacionais e os seus agentes deem uma maior atenção para o assunto.

Nas palavras de Mark Bray temos a melhor explicação sobre a visibilidade do tema em um contexto mundial. O fenômeno está ganhando proporções mais significativas e por isso deve atrair uma maior atenção dos pesquisadores da área. Mark Bray salienta⁴.

Paralelo a este sistema formal de educação, e incrivelmente mais evidente em uma ampla gama de configurações, este livro faz referência ao sistema de educação na sombra referente à tutoria suplementar privada. O sistema na sombra tem recebido bem menos atenção, mesmo que ele tenha grandes implicações sociais e econômicas. (BRAY, 2009, p.11)

Mark Bray faz quatro afirmações pontuais para esclarecer a metáfora “sombra”. Salienta, primeiro, que a tutoria suplementar se concretiza somente por que existe um sistema formal; segundo, a forma e o tamanho da sombra se moldam conforme as modificações do sistema formal; terceiro, a atenção dada ao sistema da sombra é muito menor em comparação com o sistema formal e por último as características do sistema da sombra são muito menos distintas do que as do sistema regular de ensino (BRAY, 1999, p. 17).

No entanto, Bray esclarece a razão de ser importante a observação atenta da sombra. Ele explica que a sombra de um sistema educativo pode apresentar para o observador muitas mudanças ocorridas nas sociedades. Ainda salienta, e aqui está o nosso diálogo com o autor, o fato das explicações, geralmente, criarem e perpetuarem as desigualdades sociais. Elas ainda consomem recursos humanos e financeiros, os quais poderiam ser usados de uma forma mais adequada e em outras atividades. Encontramos a relevância da análise da sombra, pois ela pode ser vista não apenas como uma entidade passiva, mas pode afetar negativamente até mesmo o corpo que imita (BRAY, 1999, p. 18).

O autor explica que na maioria dos países, a mistura de características positivas e negativas cria um quadro complexo, e poucas sociedades têm bem desenvolvido formas de resolução destes problemas. Na maioria dos casos, os formuladores e os planejadores de políticas preferem evitar a tomada de decisões difíceis, optam, então, por ignorar o fenômeno e deixar que as demandas do mercado ditem os rumos da atividade. Mas, em algumas realidades, a abordagem permissiva pode ser problemática. Mark Bray enfatiza que as decisões sobre as ações apropriadas podem ser de difícil resolução, mas é preciso, no mínimo, o reconhecimento

³ Sobre o uso do termo “explicações”: aulas particulares e reforço escolar no Brasil; *private tutoring*, em inglês; *clases particulares*, em castelhano; *cours particuliers*, em francês (Definição de Antônio Neto-Mendes presente no seu texto “A regulação das explicações entre o Estado e o mercado”. In: **Xplica**: investigação sobre o mercado das explicações. Universidade de Aveiro: 2009. p. 85.

⁴ Traduzido pela autora, do original: *Parallel to these mainstream education systems, and increasingly evident in a wide range of settings, are what this book refers to as shadow education systems of private supplementary tutoring. The shadow systems have received much less attention, even though they also have major social and economic implications* (Bray, 2009, p.11)

do fenômeno da tutoria privada, já que ela traz muitas implicações (BRAY, 2009, p. 8). O que é preciso é um reconhecimento claro do sistema paralelo de ensino, nos diferentes contextos mundiais, para que as medidas apropriadas para as suas próprias circunstâncias sejam percebidas pelos formuladores e planejadores de políticas.

É possível perceber que o fenômeno está presente em diferentes lugares do mundo. Segundo dados obtidos por Mark Bray, no Brasil, por exemplo, 50% dos estudantes, do Rio de Janeiro, receberam alguma forma de tutoria; no Egito, no ano de 1994, um estudo com 4.729 famílias mostrou que 65% das crianças da educação primária havia participado de alguma forma de tutoria privada; no Japão, no ano de 1993, 60% dos alunos do secundário frequentaram o “*juku*”; no Marrocos, também no mesmo ano, 78% dos alunos concluintes da escola frequentaram aulas de reforço e, por último, no Azerbaijão, 90% dos universitários afirmaram ter frequentado algum tipo de aula particular, no último ano escolar (BRAY, 1999, p. 24).

Segundo o autor, nas últimas duas décadas, o fenômeno tem crescido, em grande escala. As causas para isso suscitam uma investigação mais próxima de cada realidade. Aqui nos limitaremos a passar, de forma mais resumida, por alguns cenários traçados pelo autor, listando algumas informações, consideradas mais relevantes para que se possa ter uma melhor visualização mundial do fenômeno.

Na Índia, um estudo realizado, mostrou que 41,3% dos estudantes relatou ter frequentado tutoria privada, sendo que, desse total, 54,9% eram meninos e 39,6% eram meninas. Em Bengala Ocidental (estado indiano) do total dos gastos de uma família, aproximadamente, um terço é investido em educação (BRAY, 2009, p. 20).

Na Turquia as taxas de participação em tutoria são elevadas e têm se expandido significativamente. Interessante que um estudo efetivado nesse contexto faz a constatação de três tipos distintos de tutoria: primeiro, tutoria sobre um tema determinado e a um preço em particular acordado; segundo, professores do ensino regular, nas instalações da escola, mas com pagamento extra e, por último, um terceiro tipo de tutoria, os centros de explicação, chamados de “*dersani*”, destinados à alunos do primário e do secundário, mas também à preparação para o ingresso no serviço público (BRAY, 2009, p. 21).

O padrão do Canadá, dos Estados Unidos da América (EUA) e da Austrália é muito semelhante ao encontrado na Europa Ocidental, onde a frequência nas aulas particulares, como também os investimentos, são elevados. No Canadá, por exemplo, alguns dados apontam para um crescimento no número de institutos de tutoria entre 200 e 500 por cento nos últimos trinta anos (BRAY, 2009, p. 22). Em Ontário cerca de 24% dos pais com filhos em idade escolar tinha recentemente contratado tutores e 50% dos pais canadenses, questionados pela pesquisa, afirmou que gostaria de contratar um tutor, se tivessem condições (BRAY, 2009, p. 22).

Por fim, como o autor afirma, na maioria dos países existe uma mistura, não reconhecida, de características positivas e negativas deste sistema, o que cria um quadro complexo e que demanda uma análise mais direta. É preciso que o sistema seja reconhecido e estudado para que os formuladores de políticas e planejadores não ignorem o fenômeno e possam delinear as melhores estratégias políticas. Assim o sendo, passamos para a próxima reflexão, onde pretendemos conhecer a origem do fenômeno no contexto brasileiro.

Origem do fenômeno no Brasil

Nenhum fato está isolado no mundo. Uma prática histórica e social de determinado momento tem a sua explicação no passado. Este fazer de hoje está constituído de determinada forma porque foi sendo construído por agentes sociais ao longo do transcorrer da história. Assim, para que seja possível começar a compreender o fenômeno das aulas particulares no contexto brasileiro é preciso revisitar o passado. Conhecer como, onde, de que forma, porque e por quem essa prática foi sendo consolidada no Brasil.

Maria Alice Chaves Vasconcelos, na sua obra intitulada “A Casa e seus Mestres”, do ano de 2005, faz uma análise pontual do tema. Segundo a autora, as aulas particulares no Brasil, ministradas nas casas dos mestres, têm a sua origem no oitocentos e eram uma prática, marcadamente, das elites. A atividade surge no país influenciada diretamente pelo contexto europeu, o que iremos discutir neste momento. Vale salientar que a prática das aulas particulares surge como uma alternativa de educação para os “filhos das elites” exatamente porque não existiam escolas regulares na época. Primeiramente, sobre o uso da expressão “mestre”, Vasconcelos (2005) esclarece o seguinte:

Segundo a pesquisa dos textos originais até o final de primeira metade do século XIX, eram chamados de professores apenas aqueles que trabalhavam em colégios. E denominavam-se mestres aqueles que praticavam a educação doméstica, incluindo-se aí aias, aias, amos, amas, tutores e governantas, quando também responsáveis pela educação das crianças. (VASCONCELOS, 2005, p. 53)

Portanto, a origem das aulas particulares, no Brasil, data dos oitocentos e surge como uma prática das elites, vinda diretamente a partir da influência europeia. Ela era uma forma de demarcação de posições sociais. As elites introduziam a educação em casa como uma forma de prestígio social. Os filhos das famílias mais abastadas tinham os seus tutores em casa, para que os seus descendentes tivessem uma formação mais ampla, que contemplasse diferentes áreas como: música, literatura, artes e oratória.

Sendo estabelecida e legitimada esta prática na Europa, de forma significativa, o Brasil, como em muitos outros aspectos, sofre a influência direta. Vasconcelos enfatiza:

Segundo David (Apud ARAÚJO, 2000), as preceptoras que ensinavam meninas e meninos nas casas de classe média e classe média-alta já representavam um setor considerável no mundo do trabalho na Europa do século XIX, contando acima de 30.000 pessoas empregadas nessa função. (VASCONCELOS, 2005, p. 120)

Com a vinda da família real portuguesa a prática passa a ser ainda mais difundida. Tendo a mesma significação europeia de “prestígio social” para as famílias da “elite econômica”. Fazendo um retrocesso histórico, de fato, percebe-se as origens da prática da educação doméstica desde os primórdios da Igreja Católica. Era ela que detinha os conhecimentos e que doutrinava para a leitura e para a interpretação dos conhecimentos. Portanto, os membros da Igreja precisavam ter conhecimento de línguas, teologia, oratória e mais. Esta formação era feita através de tutores. Vasconcelos explica:

Para obedecer à lógica da Igreja eram necessários meios de acesso à instrução, bastante restrita até então. Nesse sentido, torna-se necessário educar os meninos para prepará-los para a vida religiosa. A educação para aquisição dos conhecimentos requisitados para esse fim é inicialmente realizada no âmbito doméstico e vai, progressivamente, desencadeando a edificação de escolas para rapazes em todos os conventos e todas as igrejas episcopais [...] (VASCONCELOS, 2005, p. 2)

Em seguida ela se expande e deixa de ser uma prática voltada somente para a preparação dos jovens que pretendiam ingressar na vida religiosa. Ela passa a ser interpretada pelos pais como uma forma de oferecer às gerações futuras uma educação mais “completa” o que, na época, e não muito diferente da atualidade, representava uma forma de distinção entre os sujeitos. Saber ler, escrever, conhecer as artes, a teologia, a filosofia, as literaturas eram sinônimo de “superioridade” cultural, social e econômica.

Portanto, este breve panorama histórico, que remonta às origens das aulas particulares, será de extrema importância para a análise proposta. A origem histórica e social de um fenômeno, marcada no espaço e no tempo, serve para explicar muitas das evidências perceptíveis no tempo e no espaço presente. Como o nosso intuito é fazer um reconhecimento das práticas das aulas particulares, em um contexto brasileiro, o entendimento da origem do fenômeno servirá, muito provavelmente, para explicar muitas das informações que serão encontrados na análise dos dados empíricos. A origem da tutoria, voltada para as elites, vai nos dizer muito da prática atual.

A autora ainda constata que a educação em casa, pretendida pelas elites, desejava não apenas a instrução, mas uma educação mais ampla, que ela chama de “educação intelectual”, o que, segundo a autora, já sinalizava o desejo dos pais de permitir que os seus filhos tivessem uma educação possibilitadora do fator de destaque entre os jovens. Aqueles que tivessem acesso a esse tipo de formação, teriam uma maior quantidade de conhecimento acumulado, o que para o entendimento da época, permitiria que esses jovens se destacassem em relação aos outros. Com esse tipo de formação as famílias das elites econômicas da época acreditavam ser a opção para que os seus herdeiros além de serem herdeiros econômicos, fossem herdeiros de um grande capital cultural. Uma formação mais ampla permitiria uma consolidação (e uma afirmação) de dominação de classe. Esta mais do que apenas dominação econômica, e sim, uma dominação cultural, a partir de uma apropriação maior dos mais diversos saberes. Vasconcelos relata, por meio de suas investigações, que a educação doméstica, a partir da primeira metade do século XIX, vai se multiplicando. Ou seja, as classes, que ela nomeia de “intermediárias”, sinalizam ter um interesse de acessar esse tipo de educação. Muito provavelmente por uma questão de interesse de ascensão social. Já que as elites mais marcadas economicamente fazem uso das aulas particulares e se mantinham ocupando os “melhores espaços” econômicos e sociais, a classe “intermediária” acredita que a formação mais ampla dos seus herdeiros será uma provável garantia de melhora de posição social. Vasconcelos explica:

A partir da metade do século XIX vão progressivamente multiplicando-se os anúncios de educação doméstica e, consequentemente, tornando-se essa prática mais acessível não apenas às elites que dela já faziam uso, mas às classes intermediárias que também podiam dispor desses serviços. (VASCONCELOS, 2005, p. 71)

Logo após constatar isso, a autora volta a salientar que a prática parece ter sido “imprescindível às elites”. Ter aulas em casa, para eles, era considerado um diferencial social. Assim é possível inferir do estudo quais os usos das aulas realizadas em casa. Primeiro, era uma forma, como já dito, de diferencial social; mesmo aqueles que frequentavam algum colégio, em algum momento faziam uso das aulas particulares, com a intenção de aprender um outro idioma, ou ainda para aprender a tocar algum instrumento ou mesmo cantar. Assim a formação do sujeito seria concluída de forma integral. Mas, os professores particulares também eram contratados como, segundo afirma Vasconcelos, solução para aqueles, que por escolha ou por custos, tendo optado por um colégio, não haviam conseguido dele os resultados esperados.

Sobre as matérias a serem ensinadas, a autora escreve, que os pais escolhiam as que deveriam ser ministradas para seus filhos, segundo seus interesses. As combinações de matérias eram as mais variadas, entre as disciplinas que a autora salienta, as mais desejadas eram, prioritariamente, português e francês, em seguida, latim, inglês, alemão, italiano, espanhol, caligrafia, literatura, composição, religião, música, piano, solfejo, canto, rebeca, gramática portuguesa, latina, francesa e inglesa, lógica, matemática, geometria, aritmética, álgebra, contabilidade, escrituração mercantil, física, botânica, história universal, história do Brasil, geografia, desenho, pintura e aquarela. A lista é um pouco exaustiva, mas será de muito validade quando estudarmos os dados da pesquisa, pois se fará a análise das disciplinas, hoje, mais solicitadas pelos alunos, como, também, quem faz a escolha pela frequência nas aulas particulares.

Na segunda metade do século XIX, Vasconcelos encontra, na sua pesquisa, uma preocupação voltada para os exames preparatórios para revalidação dos estudos secundários. Os professores particulares se deslocavam até a casa dos alunos e ofereciam uma preparação mais pontual para os exames. As matérias exigidas pela prova eram: português, francês, inglês, latim, geografia, cosmografia, história, filosofia e matemáticas. A autora salienta que os contratos eram realizados entre os pais e os professores particulares de forma informal e que os horários e os dias eram acertados a partir da disponibilidade dos tutores.

Ainda conforme a autora, já no século XX, com a obrigatoriedade da frequência escolar, os mestres da casa continuam a ser os encarregados de complementar a educação escolar dos filhos das elites. Se antes existia a possibilidade de uma formação escolar toda realizada em casa, agora com o reconhecimento e a obrigatoriedade da escola, essa alternativa deixa de ser valorizada, mas não faz com que as aulas particulares percam o seu significado. Elas continuam a ser a alternativa de complementação do processo de aprendizagem.

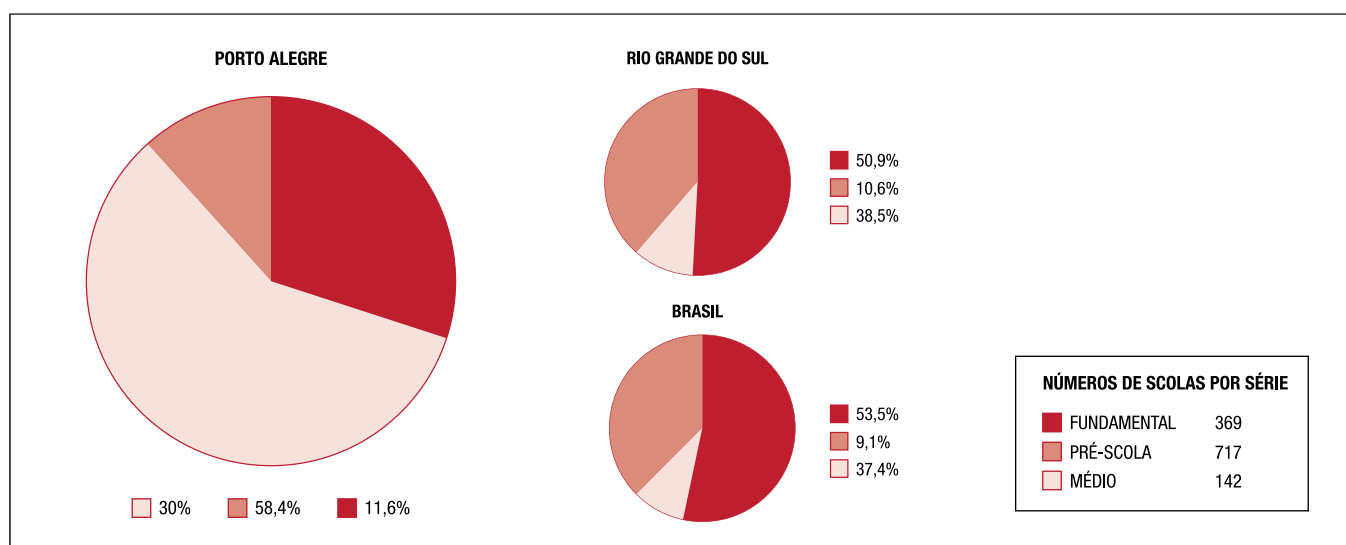
Por fim, é possível concluir que resistindo à emergência da instituição escola, a educação na sombra se afirma como uma prática das elites. Consolida, então, o seu estatuto de forma a existir até os nossos dias. Conhecer a forma como ela está hoje é o que se pretende nesta investigação.

Contexto de investigação

com o objetivo de comparar diferentes realidades, e sem a intenção de estigmatizá-las, propomos a construção de uma investigação dentro de diferentes contextos da “educação da sombra”. Para que seja possível dimensionar essas realidades os contextos selecionados pertencem ao município de Porto Alegre, localizado no Estado do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre contempla uma área de unidade territorial de 497 Km², conta com uma população de 1.409.351 habitantes. A renda PIB per capita a preços correntes da população está estimado em 30.524,80 reais. Deste conjunto populacional, segundo dados apresentados pelo IBGE cidades⁵, o número de alfabetizados soma um total de 1.277.572 pessoas. Explicitaremos alguns dados mais diretos sobre o número de escolas por série no município de Porto Alegre e também, pertinente para a nossa escolha investigativa, o número de escolas privadas e públicas, de ensino médio contempladas na região da capital. Começamos com a divisão do número de escolas por série encontrado pelo IBGE, referente ao município:

Gráfico 1. Número de escolas por série



Fonte: IBGE – Cidades

⁵ Informações disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/> consulta realizada em 15.09.2014

número de matrículas no Ensino Médio sofre uma grande redução, com relação ao número das realizadas no Ensino Fundamental. Quando pensamos em números no Ensino Superior, a queda é mais marcante ainda. Segundo dados do IBGE o número de pessoas que possuem nível superior de graduação concluído, no Brasil, corresponde a um total de 12.679.010. Se pensarmos no contingente populacional do Brasil, 198.360.943 habitantes (segundo dados do IBGE de 2012), apenas uma pequena parcela da população teria acesso ao Ensino Superior.

Mantendo-se o foco da pesquisa na etapa final do processo de escolarização – exatamente o 3º ano do Ensino Médio - abordamos a divisão das escolas de Ensino Médio de Porto Alegre, conforme dados estatísticos obtidos no site da Secretaria de Educação de Porto Alegre, referentes ao Censo Escolar da Educação Básica, correspondente ao ano de 2012, realizado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. O Censo é realizado pelo Departamento de Planejamento. Encontramos o seguinte universo de estabelecimentos de ensino na cidade de Porto Alegre:

Tabela 1. Estabelecimentos de ensino por etapas e/ou modalidades de ensino. RS 2012

CRE	Dependencia Administrativa	Creche	Pré-Escola	Ensino Fundamental	Ensino Medio	Educação Profissional	Educação Especial	Educação de Jovens e Adultos		Total Real
								Presencial	Semipresencial	
1º	Estadual	7	83	228	71	12	16	44	6	258
	Federal	1	1	2	3	2	0	2	0	5
	Municipal	36	70	48	2	2	7	35	0	96
	Particular	573	602	91	68	33	9	9	1	683
	Total	617	756	369	144	144	32	90	7	1042

Fonte: Governo do Rio Grande do Sul

Tendo como interesse o desenho do panorama das aulas particulares em um contexto de microanálise, a investigação foi feita junto às escolas das redes privada e pública do município. Com o objetivo de conhecer as dimensões da educação na sombra dentro de diferentes realidades. Uma escola de cada uma das dependências administrativas foi selecionada. O critério para a escolha foi o maior número de alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio.

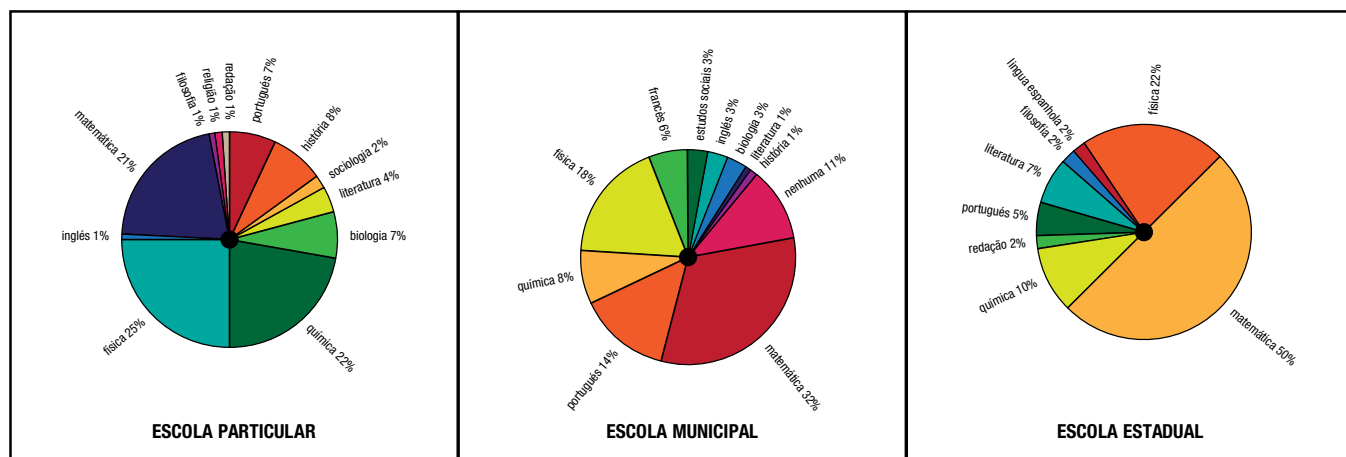
Por fim, cabe ressaltar que os sujeitos participantes da pesquisa são: alunos da etapa final de escolarização, ou seja, alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio, pertencentes aos diferentes espaços sociais e econômicos, dentro do município de Porto Alegre, de acordo com a escola em que estudam e a região que habitam, apresentam características particulares. Todas as respostas consideradas como válidas foram fornecidas pelos alunos/participantes de livre e espontânea vontade. Os participantes que responderam foram convidados a completar o questionário, aqueles que não desejaram responder por algum motivo, ficaram livres para fazer essa escolha.

O que os dados indicam?

O questionário utilizado como ferramenta de coleta de dados, contemplando questões fechadas e abertas, permitiu a construção de alguns panoramas. Dentre eles, neste espaço de reflexão nos limitamos à análise daquele dedicado às aulas particulares e a sua formatação no contexto estudado.

Objetivamos, primeiramente, conhecer as matérias que os próprios alunos consideram ter maiores dificuldades nos seus percursos de escolarização. A intenção ao se fazer esse questionamento é investigar se as disciplinas procuradas no âmbito da educação na sombra são as mesmas que eles alegam ter algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Ou até mesmo confirmar a não realidade dessa hipótese, ou seja, que não há ligação entre as informações. Os gráficos seguintes estruturam esses dados.

Gráfico 2. Disciplinas com maior dificuldade de aprendizagem.

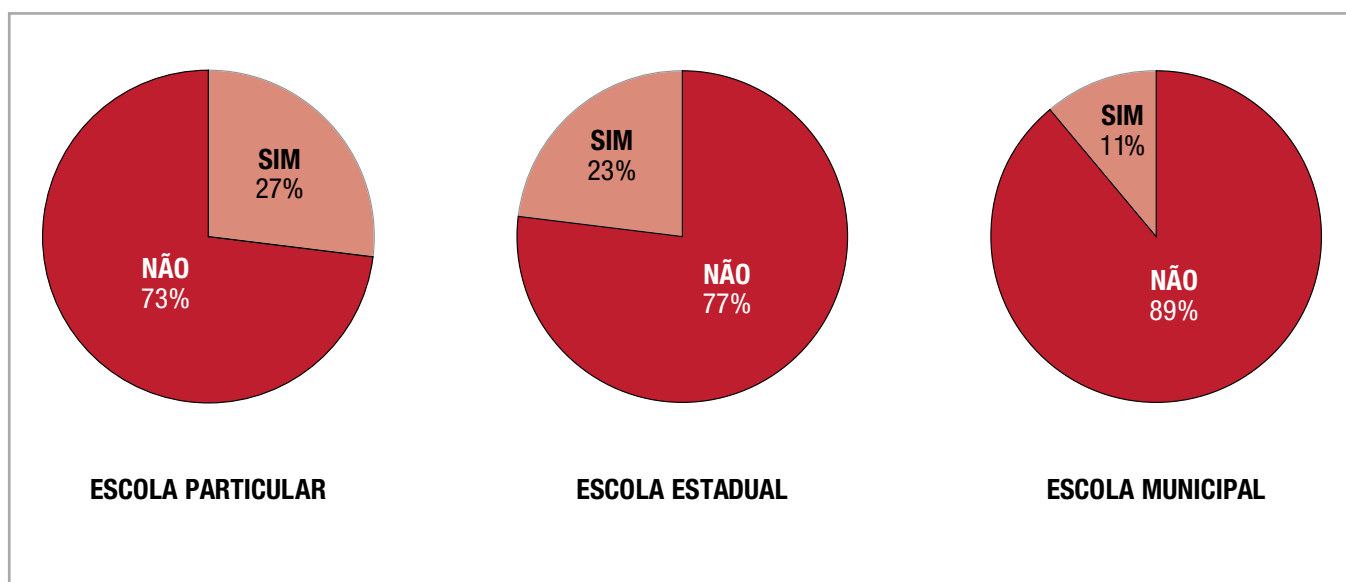


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Conforme esquema dos gráficos anteriores, os alunos afirmam ter mais dificuldades no processo de aprendizagem naquelas que são consideradas matérias exatas: física e matemática se mantêm entre as primeiras nas três escolas; depois aparece a disciplina de química, considerada também como uma disciplina da área de exatas. Interessante a distância das porcentagens entre as disciplinas exatas e as primeiras da área de humanas, observe: física, 25% e 22%; matemática, 21%, 50% e 32% e, por último, química, com 22%, no contexto da escola particular. As primeiras disciplinas da área de humanas obtiveram: história, 8%; literatura, 7% e português, 14%. Vê-se um ponto de ruptura bem distante entre as disciplinas, pois as consideradas exatas são muito mais citadas pelos alunos/participantes da pesquisa, independente do contexto – público ou privado – as dificuldades de aprendizagens indicam ser muito semelhantes.

Logo em seguida, depois de terem sido convidados a responder sobre as disciplinas que consideravam encontrar maiores dificuldades de aprendizagem, os participantes responderam sobre a frequência em aulas particulares ao longo do percurso do Ensino Fundamental. Proposta esta interrogação para que fosse possível comparar as frequências, ou seja, como a prática das aulas particulares está acontecendo no Ensino Fundamental e como está no último ano do Ensino Médio. Observe:

Gráfico 3. Frequência em aulas particulares ao longo do Ensino Fundamental.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Gráfico 3. Frequência em aulas particulares ao longo do 3º ano do Ensino Médio.



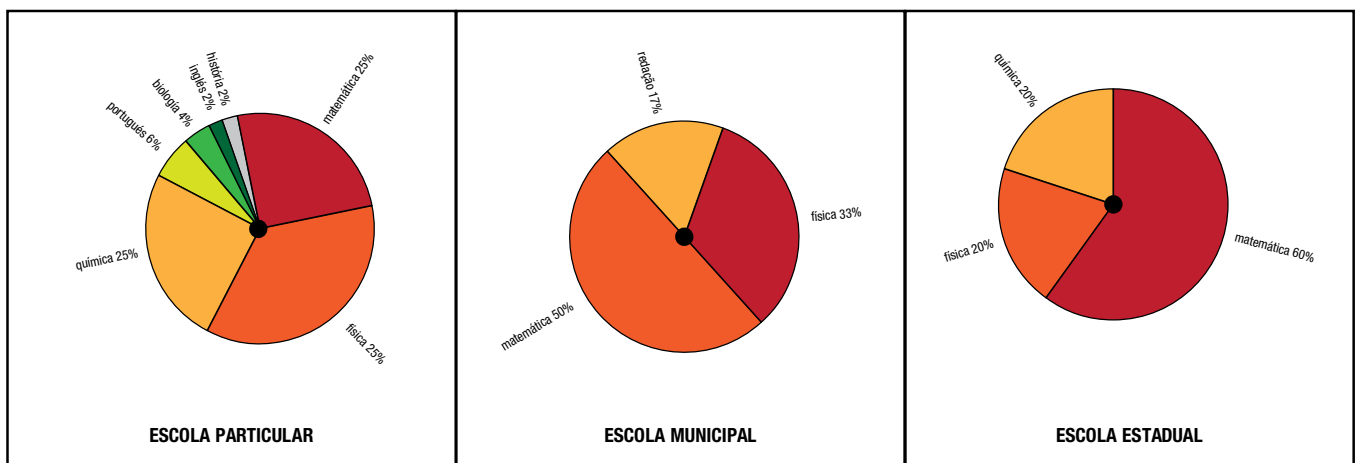
Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Uma análise comparativa entre os dois grupos de gráficos expostos anteriormente, permiti concluir que: enquanto os alunos da escola particular intensificam a frequência em aulas particulares, os alunos da escola estadual reduzem a procura pela atividade e os sujeitos participantes da pesquisa, da escola municipal, permanecem com o mesmo percentual de frequência. Dado indicativo de uma maior preocupação dos alunos da escola particular com resultados satisfatórios na etapa final de escolarização. Interrogamos neste momento se não seria exatamente por causa dos exames de admissão. Ou seja, os alunos neste momento de escolarização – transição para o Ensino Superior – estariam preocupados e encontrariam as aulas particulares (a educação na sombra) como uma alternativa privada para o sucesso nos exames.

Continuando com a exposição dos dados, e para que fosse possível comparar as informações dadas pelos participantes, entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, destacamos os gráficos a seguir, neles estão esquematizadas as respostas dos alunos sobre as disciplinas que eles consideram apresentar maiores dificuldades de aprendizagem, no 3º ano do Ensino Médio.

Objetivamos conhecer se aquelas marcadas referentes ao Ensino Fundamental permanecem as mesmas na etapa final de escolarização. Em seguida analisamos comparativamente as respostas dadas. Observe:

Gráfico 4. Disciplinas com maior dificuldade de aprendizagem no 3º ano do Ensino Médio



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Ao compararmos os dados dos gráficos sobre as disciplinas - numerados 1, 2, 3, 10, 11 e 12 – percebemos uma menor variedade de respostas entre os três primeiros e os três últimos gráficos. No entanto as mais incidentes permanecem aquelas das áreas de exatas: matemática, física e química. Sendo que a porcentagem referente à disciplina de redação, na escola Municipal, recebe referência significativa. Enquanto não era citada por eles na etapa do Ensino Fundamental, agora aparece com 17% das respostas. Uma provável explicação para a mudança de paradigma pode ser a importância da redação no exame do ENEM⁶ (Exame Nacional do Ensino Médio). Hoje utilizado como um dos mecanismos de seleção para o ingresso no Ensino Superior e também permite o acesso a programas oferecidos pelo Governo Federal a escola particular. A hipótese provável, para essa amostra da realidade investigada, poderia ser explicada a partir do cruzamento com a renda média mensal familiar por responsável do domicílio, pois ela é significativamente maior entre os responsáveis por esses sujeitos, ou seja, as condições financeiras para essas famílias investirem em aulas particulares e em escolas particulares é uma possibilidade mais acessível. Até mesmo, se olharmos para o número de componentes das famílias, no contexto da escola particular, ele é menor. Assim entendemos que o investimento financeiro voltado para as diferentes alternativas e formas de estudo são maiores para aquelas famílias com menos herdeiros. Quanto maior a família e menor a renda, conseqüentemente, os investimentos em estudo serão proporcionalmente menores, na grande maioria dos casos.

Considerações finais

a partir de um recorte temporal e contextual (ano de 2013 na cidade de Porto Alegre), foi possível concluir, primeiro, que o fenômeno das aulas particulares vem crescendo nesse contexto, seguindo a tendência mundial; segundo, que a atividade se mantém mais presente em um grupo social específico, ou seja, entre aqueles com maiores recursos financeiros. No entanto, um terceiro apontamento, é o de que a prática está também presente nas classes sociais que não têm tantos recursos financeiros. As aulas particulares que demandam investimento financeiro aparecem de forma mais reduzida, mas formas alternativas de formação complementar são buscadas pelos alunos. Por exemplo, a grande referência encontrada pela pesquisadora nos dados sobre os cursos preparatórios alternativos, aqueles que não exigem pagamento pelas aulas.

Confirma-se, como quarta conclusão, que é no ciclo final do percurso escolar que a prática está intensificada. Objetivando o enfrentamento dos exames de ingresso nas instituições de ensino superior, os alunos concluintes do Ensino Médio procuram formas de preparação mais intensa.

Em contrapartida, um dado inferido, visto como preocupante está na associação das resoluções das dificuldades apenas nas aulas particulares. Parece ser nesse espaço que as dúvidas conseguem ser ultrapassadas e que na sala de aula regular isso não é possível. Mais ainda, que os sucessos nos exames de admissão só são possíveis com uma preparação cada vez mais cara e por conseguinte, elitizada.

A característica principal das aulas particulares, determinada pelos alunos participantes, é ser complementar aos estudos da escola e servir para sanar dúvidas pontuais, de matérias escolares pontuais. O desejo comum aos alunos das três instituições é alcançar vantagem competitiva. O que na verdade é um grande paradoxo. As aulas demandam investimentos financeiros, assim aqueles alunos inseridos inicialmente em um ambiente de mais qualidade de formação educacional, os da escola particular (é sabido e explícito que a qualidade da educação pública no Brasil não é a mais positiva) são os que os pais e responsáveis tem mais condições de investir na complexidade de alternativas de formação. Foi salientado nos dados que as atividades extracurriculares estão mais difundidas e pluralizadas entre esses alunos. Como comparar vantagens competitivas entre eles?

O capital cultural herdado pelo sujeito é fator influente na sua formação. Então, novamente, como visto, os pais e responsáveis dos (e pelos) alunos da escola particular são os que mais alcançaram índices no questionamento sobre grau de escolaridade. Os herdeiros dessas famílias já iniciam o processo com um provável distanciamento dos outros. Conseqüentemente, a escola pública de baixa qualidade acaba sendo uma provável reprodutora de estagnação social. Como enfrentar essa falácia deve ser discutido atentamente por pesquisadores em educação, por formuladores de políticas públicas e por todos envolvidos com os processos educativos. Se a escola cabe sancionar e afirmar posicionamentos paternos e maternos, influenciando diretamente na construção identitária do aluno é preciso que a educação na sombra seja iluminada. Vamos mais além então, se a escola particular, que só por ela já demanda um grande investimento financeiro, é considerada como de qualidade, quando comparada com a educação das escolas públicas, porque motivo, então, a prática da educação na sombra está muito mais presente entre os seus alunos?

Relevante para a análise as preocupações dos alunos quando interrogados sobre a continuidade dos estudos (Ensino Superior), nos três espaços igualmente, pois tanto os alunos da escola pública, quanto os da escola privada, defendem que para construir uma

⁶ Para saber mais sobre o Exame Nacional do Ensino Médio ver: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem> acesso em 14 de setembro de 2014.

carreira, ter sucesso, ter recursos financeiros, estabilidade e conseqüentemente, qualidade de vida é preciso formação superior. Ela seria, então, a garantia de todas as possibilidades para o futuro. Reforçamos, como o(s) discurso(s) das instituições refletem subjetivamente e objetivamente nas interpretações dos alunos. As expectativas e as esperanças que eles atrelam a obrigatoriedade dos certificados é preocupante. Caso algo fuja a esse determinismo dos certificados, as frustrações serão imensuráveis, pois não são criados e nem aceitos os caminhos alternativos. Estão condenados ao fracasso os que não conseguirem seguir o esse percurso? Os alunos das escolas públicas, filhos de pais com menor grau de instrução, com empregos melhores remunerados, com maior número de irmãos e com rendas mensais menores estão com seus caminhos já determinados pela herança cultural da família? Como romper com esse ciclo vicioso?

Então, finalizamos retomando alguns estudos futuros que foram propostos ao longo da escrita do trabalho. Ao longo dos estudo de doutorado, a pesquisadora pretende desenvolver alguns deles: primeiro, é preciso investigar a questão sobre a interpretação de qualidade de vida dada pelos alunos, já que eles a associaram à futuro profissional e remuneração; segundo, a distância entre os discursos da escola e do aluno sobre o final do percurso escolar, pois os alunos, diferentemente da instituição, não interpretam que estejam preparados para enfrentar os exames de ingresso nas universidades e, por último, objetiva-se um olhar mais crítico sobre a questão das disciplinas da área de exatas serem tão referenciadas, sendo as consideradas mais problemáticas a matemática, a física e a química.

Referencias Bibliográficas

BACCHETTO, J. G. (2003). *Cursinhos Pré-Vestibulares Alternativos no Município de São Paulo (1991-2000): A Luta pela Igualdade no Acesso ao Ensino Superior*. Tese de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07082003-114804/>, consulta realizada em 14.02.2014.

BRAY, Mark. *The shadow education system: private tutoring and its implications for planners*. International Institute for Educational Planning. Paris: UNESCO, 1999. Disponível em <http://www.unesco.org/iiep/>, consulta realizada em 12.11.2013.

_____. *Adverse effects of private supplementary tutoring: dimensions, implications and government responses*. International Institute for Educational Planning. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em <http://www.unesco.org/iiep> consulta realizada em 12.11.2013.

_____. *Private Supplementary Tutoring: Comparative Perspectives on Patterns and Implications*. Paper presented at the Oxford International Conference on Education and Development "Learning and Livelihood", 13-15 September 2005. Disponível em <http://www.unesco.org/iiep> consulta realizada em 12.11.2013.

_____. *Confronting the Shadow Education System: What Government Policies for What Private Tutoring?*. International Institute for Educational Planning. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em <http://www.unesco.org/iiep> consulta realizada em 12.11.2013.

COSTA, J. A. (2003). Projectos educativos das escolas: Um contributo para a sua (des)construção. *Educ. Soc.*, 24(85), 1319-1340.

_____. (2007). *As Explicações (aulas particulares) enquanto vantagem competitiva no mercado educativo: os 'novos herdeiros' e as estratégias privadas de sucesso público*. Comunicação apresentada no XXIII Simpósio Brasileiro, V Congresso Luso-Brasileiro, I Colóquio Ibero Americano de Política e Administração da Educação - Por uma escola de qualidade para todos, Porto Alegre, Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 11 a 14 de Novembro de 2007.

_____. (2008). *O fenómeno das explicações em estudo de caso: alguns dados da cidade Aquarela, Portugal*. Comunicação apresentada na Conferência Internacional 2008, promovida pelo Research Committee on Sociology of Education, da Internacional Sociological Association - ISA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa [Brasil] 19 a 22 de Fevereiro de 2008.

_____. , VENTURA, A., NETO-MENDES, A., & AZEVEDO, S. (2008). O mercado das explicações e o franchising. In J. A. Costa, A. Neto-Mendes & A. Ventura (Eds.), *Xplika: Investigação sobre o mercado das explicações* (pp. 55-67). Aveiro: Universidade de Aveiro.

_____. , NETO-MENDES, A., & VENTURA, A. (2007). *O Fenómeno das Explicações: Panorâmica Internacional*. Comunicação apresentada no XIV Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE - Para um Balanço da Investigação em Educação de 1960 a 2005. Teorias e Práticas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 16 a 18 de Fevereiro de 2006 (publicação em Cd-Rom, ISBN 978-972-8036-88-1).

_____. NETO-MENDES, A., & VENTURA, A. (2008). As Explicações em estudo de caso: alguns dados da Cidade Aquarela. *Revista Lusófona de Educação*.

MARIUCCI, S; FELICETTI, V. L. e FERRI, M. da S. Uma Sombra na Educação Brasileira: do Ensino Regular ao Paralelo. *Revista Latino Americana de Educação Comparada (RELEC)*. Ano 3, Nº3, p. 85-96, 2012. Disponível em: <http://saece.org.ar/relec/revistas/3/art7.pdf> acesso em 25/11/2012.

SANTOS, C. A. dos (2004). Identidade profissional do professor do “CursinhoGarra” de Goiânia. Mestrado em Educação, Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Disponível em: http://areia.ucg.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15, consulta realizada em 09.01.2014.

VASCONCELOS, M. C. C. A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro: Grypus, 2005.

Fecha de recepción: 15/10/2014

Fecha de aprobación: 5/11/2015